

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA DE
AMBIENTES AQUÁTICOS CONTINENTAIS

LUCY MARA PAIOLA

Os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, Estado do Paraná,
Brasil: turismo e identidade

Maringá
2009

LUCY MARA PAIOLA

Os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, Estado do Paraná,
Brasil: turismo e identidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ecologia de Ambientes
Aquáticos Continentais do Departamento
de Biologia, Centro de Ciências
Biológicas da Universidade Estadual de
Maringá, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências
Ambientais
Área de concentração: Ciências
Ambientais

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Augusto
Tomanik

Maringá
2009

"Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)"
(Biblioteca Setorial - UEM. Nupélia, Maringá, PR, Brasil)

P148p

Paiola, Lucy Mara, 1962-

Os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, Estado do Paraná, Brasil : turismo e identidade / Lucy Mara Paiola. -- Maringá, 2009.
39 f.

Tese (doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais)--
Universidade Estadual de Maringá, Dep. de Biologia, 2009.
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik.

1. Pescadores artesanais - Identidade - Porto Rico (Município) - Paraná (Estado). 2. Ecologia humana. I. Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Biologia. Programa de Pós-Graduação em "Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais".

CDD 22. ed. -304.2809816
NBR/CIP - 12899 AACR/2

FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCY MARA PAIOLA

Os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, Estado do Paraná,
Brasil: turismo e identidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes
Aquáticos Continentais do Departamento de Biologia, Centro de Ciências
Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Ciências Ambientais pela Comissão Julgadora
composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik
PEA/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Erivelto Goulart
PEA/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Paulo César Seron
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. José Sterza Justo
UNESP, *campus* de Presidente Prudente

Aprovada em: 23 de novembro de 2009.

Local de defesa: Anfiteatro do Nupélia, Bloco G-90, *campus* da Universidade
Estadual de Maringá.

**Aos pescadores artesanais profissionais do
rio Paraná.**

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo que sempre me proporciona muita satisfação, é muito bom ter a oportunidade de agradecer. Quero dizer que sou uma pessoa feliz, pois penso que a vida de quem não tem nada e a ninguém a agradecer deve ser bem infeliz ou no mínimo chata. Eu tenho muitos “alguéns” a quem agradecer.

Início pelo Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik, meu orientador. Por todo o apoio em me orientar eu agradeço e em especial por me “proibir de morrer” quando pensei que não conseguiria mais respirar, você estava certo: consegui! Obrigada, Professor!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais (PEA), não apenas pelo doutorado mas por me receber desde 1997 e ser o meu chão firme de todos esses anos: obrigada!

Às “meninas” da secretaria do PEA, “meninas e meninos” da secretaria do NUPÈLIA, e Rose, secretária do Prof. Dr. Ângelo Agostinho, e Salete e Joãozinho, os “gurus” da biblioteca, pela atenção, interesse e pronto atendimento, em tudo o que precisei: obrigada!

Aos pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, pelas entrevistas e as descobertas: Obrigada!

Ao Tião, Valtice, Alfredinho e Toninho, pelas conversas e cuidados comigo: Obrigada!

Ao Caê, Lange, Olívia, Polly, Juliano, Dirlene, Zaira, Celeste, Silvana Coreone, Dú, Geni, Sofia, Vivi, Juliano, Paula, Zé Marcos, Aurora, Dona Orlanda, Marisol, Loide, Jorge, Carlinhos, Virso, Luiz, Rose, por eu não ter dúvidas sobre o que me é mais sagrado: a nossa amizade! Obrigada!

Pai, mãe, tatá e tato, pelo sempre para sempre... Obrigada!

**Foi um rio que passou em minha vida e meu
coração se deixou levar...**

(Paulinho da Viola)

Os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, Estado do Paraná, Brasil:
turismo e identidade

RESUMO

Os pescadores artesanais profissionais do município de Porto Rico, no Estado do Paraná, Brasil, com suas formas de apropriações do ambiente baseadas em uma forma de cultura tradicional, vivem sob ameaças que podem inviabilizar a continuidade da sua forma de subsistência e do seu estilo de vida. Um destes processos é o incremento do turismo na região. O objetivo do estudo foi investigar o envolvimento daquele grupo de nas atividades turísticas e os possíveis reflexos desse envolvimento no seu estilo de vida e no desenvolvimento atual de sua identidade. De 2 a 14 de fevereiro de 2008 foram entrevistados 22 pescadores e 4 ex-pescadores, que não abandonaram definitivamente a pesca. As conclusões obtidas são de que eles estão se envolvendo em tais atividades mas, que estes envolvimento, tal como efetivados pelos entrevistados, têm oportunizado uma relativa manutenção do estilo de vida próxima à natureza e de alguns valores da sua cultura.

Palavras chave: Pescadores artesanais. Identidade. Porto Rico-Pr.

Professional artisan fishermen in Porto Rico, State of Paraná, Brazil: Tourism and Identity

ABSTRACT

Professional artisan fishermen in Porto Rico-PR with their forms of appropriation of the environment based on the principles of the traditional culture are threatened by the risk of having the continuity of such living rendered unviable, and of the disappearance of their so cherished life style. Parallel to those processes, another one has occurred, tourism. The aim of this study was to investigate possible involvement of the mentioned group of professional artisan fishermen in those touristic activities and possible implication of such development in their life and identity. From February 2 to 14, 2008, twenty-two fishermen and four former ones, which have not completely quit fishing, we polled. The obtained conclusions show the fishermen have been engaging in such activities, but this involvement, as stated by them, has only given opportunity to a relative maintenance of some of their cultural values and a life style close to nature.

Keywords: Artisan fishermen. Identity. Porto Rico-PR.

Tese elaborada e formatada conforme as normas da publicação científica *Revista de Psicologia Social da Abrapso Sul*. Disponível em: <www.abrapso.com.br>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OS ANTECEDENTES.....	13
2.1 Estudos anteriores sobre os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico-Pr.....	13
2.2 O turismo.....	15
2.3 Identidade.....	17
3 PROCEDIMENTOS.....	24
4 RESULTADOS.....	24
4.1 A pesca.....	25
4.2 Os turistas e o turismo.....	27
4.3 O futuro.....	29
4.4 O estilo de vida e o apego à natureza.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

O Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aqüicultura (NUPÉLIA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), desde 1986, e o Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais (PEA), da mesma Universidade, desde 1991, vem desenvolvendo estudos na região alagável do rio Paraná, importante rio do Brasil.

A importância dos estudos desenvolvidos pelo NUPÉLIA/PEA, nessa região, reside no fato de que as “[...] áreas alagadas constituem um dos ecossistemas mais relevantes do planeta [...]”, conforme afirmou Tundisi (1997), ao fazer a apresentação de uma das publicações do NUPÉLIA.

A relevância dessas áreas está na diversidade biótica que lhes é característica e, no caso das áreas alagáveis do rio Paraná, pelo aspecto socioeconômico, em função dos estoques de peixes explorados por pescadores artesanais profissionais, desde o reservatório da Hidrelétrica de Itaipu, a jusante da região estudada, às barragens das Hidrelétricas de Rosana e Porto Primavera, a montante da região estudada. É nesta região, às margens do rio Paraná, que se localiza o município de Porto Rico e também a Base Avançada de pesquisas do NUPÉLIA/PEA.

Associado ao PEA/NUPÉLIA, desde 1994 o Grupo de Estudos Socioambientais, vinculado também à Universidade Estadual de Maringá, desenvolve pesquisas nesta localidade e foca suas investigações nas comunidades humanas e suas relações com o ambiente, os processos de ocupação e degradação que este ambiente tem sido alvo, na busca da melhoria das condições de vida da população local, por meio da formulação de estratégias que visam a conservação e reconstituição ambiental (SPONCHIADO, EIDT e TOMANIK, 2002).

Entre os vários estudos que abordam aspectos socioeconômicos da região, dois, especialmente, constituem as bases para este trabalho. São os estudos de Tomanik, (1997) e de Paiola, (2002), que abordam os processos socioeconômicos de ocupação da região e a repercussão de tais processos nas vidas dos pescadores, dos filhos e jovens pescadores artesanais profissionais de Porto Rico, e as percepções que elaboram sobre seu mundo, suas formas de vida e seus saberes. Em tais percepções anunciam a iminência do desaparecimento do seu estilo de vida ligado à natureza e dos conhecimentos a ele inerentes. Anunciam o fim próximo da pesca artesanal, em função das baixas nos estoques pesqueiros e, também, a ausência de alternativas de trabalho para eles, na região. No entanto, desde as pesquisas iniciais na localidade, um processo que teve início com os pescadores das áreas urbanas dos

arredores da localidade, teve um forte incremento a ponto de iniciar uma transformação na paisagem da cidade, tanto no plano horizontal, ampliando o número de ruas, quanto em seu plano vertical, com moradias com mais que o pavimento térreo.

A beleza da paisagem e as oportunidades de lazer oferecidas pela região vêm atraindo visitantes de outras cidades, da região e do Estado e, em alguns casos, até mesmo de pessoas de outros países. Por ocasião de festas comemorativas como, por exemplo, na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ocorre desde 1966, no carnaval, natal ou mesmo férias escolares, é comum a cidade de Porto Rico receber um contingente de pessoas que chega a ser maior que o seu número de habitantes, conforme a guarda municipal.

A vinda expressiva de visitantes que, inclusive, adquirem lotes na localidade e constroem residências para fins de lazer, tem promovido alterações no comércio local, na paisagem local, na organização e no modo de vida da população local.

As alterações ambientais, tais como a construção de grandes barragens e a implantação de áreas de proteção ambiental, somadas ao incremento das atividades turísticas na região suscitaram uma série de questionamentos sobre a situação dos pescadores artesanais profissionais de Porto Rico: quais as condições da pesca para eles, atualmente? Será que o turismo, tal como tem se apresentado em Porto Rico, oferece oportunidades ocupacionais a estes pescadores? Eles estão envolvendo-se com estas atividades turísticas? O que pensam os pescadores acerca dessa atividade? No caso de estarem desenvolvendo alguma atividade ligada ao turismo, esse envolvimento vem interferindo na sua cultura tradicional, no estilo de vida e nos valores associados à natureza que fazem parte daquela cultura?

Compreender o envolvimento dos pescadores artesanais profissionais de Porto Rico com o turismo e o reflexo desse envolvimento na configuração de suas identidades significa, por sua vez, instrumentalizar os núcleos de pesquisa, citados acima e que atuam nesta localidade, em seus anseios de desenvolvimento de um plano de manejo ecológico para a área, uma vez que investigar a identidade de um grupo possibilita acessar os processos pelos quais se constitui tal grupo, em especial as relações que estabelecem com o ambiente.

2 OS ANTECEDENTES

2.1 Estudos anteriores sobre os pescadores artesanais profissionais de Porto Rico-Pr

Os pescadores artesanais profissionais estudados por Tomanik (1997) e Paiola (2002), pela forma como têm produzido a própria vida, ligada à natureza, que é de subsistência; pela

relação que estabelecem com o ambiente, que é de dependência e lhes proporciona a elaboração de conhecimentos acerca dos ciclos deste, conforme já anunciado naqueles estudos, podem, ainda que parcialmente, ser considerados como participantes de uma cultura tradicional. A compreensão de populações tradicionais, daqueles e também deste estudo, e a mesma adota pelo IBAMA, é a de Diegues (1996). Diegues cita como exemplo de populações tradicionais os indígenas, populações ribeirinhas, os extrativistas e os pescadores artesanais e os define como

... populações de pequenos produtores que se constituíram no período colonial, freqüentemente nos interstícios da monocultura e dos ciclos econômicos. Com isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica, com sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra (1996:14-15).

Segundo Diegues (1996, p. 92), “nenhuma cultura tradicional existe em estado puro [...] por causa sobretudo da sua maior ou menor articulação com o modo de produção capitalista dominante [...]”.

As interações culturais, argumenta Paiola (2002), são inevitáveis, tanto a curto quanto a longo prazo. Por isto, ações em defesa destas populações devem, necessariamente, envolver, entre outros fatores, tentativas

[...] de garantir-lhes o direito de decidir quando, como e de que forma vão se abrir às interações culturais. Se não é ético querer preservar, a qualquer custo uma população e sua cultura, por outro lado, subtrair desta população o seu direito de decidir para onde ir, quando ir, como ir e de que forma ir também é anti-ético (Paiola, 2002, p. 20).

Os pescadores estudados por Tomanik (1997) e Paiola (2002), tinham a pesca como forma principal de subsistência. No entanto a pesca profissional vem sendo gradativamente inviabilizada na região, em função das alterações ambientais e das condições econômicas, decorrentes das recentes e variadas formas de ocupação do ambiente, como já dito anteriormente.

Ao longo daqueles estudos, foram identificadas a atuação de pelo menos três grupos de atividades que promoveram mudanças de grande porte na região estudada e portanto, na vida da população local: a) o processo histórico de ocupação do ambiente para produção agrícola, culminando na formação de propriedades latifundiárias agropecuárias; b) a

construção das barragens, tanto a montante quanto a jusante da localidade, para geração de energia elétrica, que alteram o fluxo e volume de água do rio Paraná; c) a criação do Parque Nacional de Ilha Grande e da Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, em 1997, e do Parque Estadual das Várzeas do rio Ivinheima, em 1998, visando a preservação ambiental, baseada na legislação que prevê que as áreas destinadas a estes fins devem ser mantidas intocadas pelas ações humanas.

Aqueles que continuam exercendo a pesca profissional dependem dos ganhos de outras pessoas, de seus grupos familiares (que não atuam na pesca), e não conseguem ver a si próprios como capazes de promover mudanças nas suas condições de vida e de trabalho. Quando questionados sobre o que poderia melhorar a situação que vivem com a pesca, que se reflete em dificuldades para a sobrevivência familiar, aqueles entrevistados apontaram a necessidade da existência de outras pessoas, externas ao seu grupo, que apresentassem iniciativas e tomassem a frente das ações neste sentido. Retomar na conclusão, contradizer que problemas globais devem ser resolvidos localmente

As pesquisas de Tomanik (1997) e Paiola (2002) sugerem que, associado à inviabilidade da continuidade da pesca profissional, tal como praticada na região, há o risco do desaparecimento do estilo de vida tradicional, desenvolvido e adotado por estes pescadores e das elaborações culturais próprias do grupo que, inclusive, antecedem a vinda de seus antepassados a esta região. No mesmo município, bem como na região em que este se localiza, já durante o desenvolvimento dos estudos citados, ainda que de forma incipiente, outro processo teve início e tem se intensificado. Trata-se da demanda de turistas pelos atrativos ambientais da região.

2.2 O turismo

O turismo é considerado, pelos profissionais da área, como força que trará melhores condições de vida para as populações cujas localidades ofereçam atrativos, isto por intermédio das múltiplas intervenções que possibilita (KRIPPENDORF, 2000), visto, inclusive, como uma indústria (PAIVA, 2000). No entanto, tal como os demais setores da economia, ele depende da apropriação da natureza e, em muitos casos, como apontam Banducci e Barreto (2001), inclusive das populações locais. Por isso, como as demais atividades econômicas, também esta deve considerar, em suas ações, os princípios de respeito aos limites e alternativas dos espaços e culturas, de que se apropria.

Esta atividade, no final da década de 90 movimentava, por ano, no mundo, 3,4 trilhões de dólares e empregava cerca de 212 milhões de pessoas. As expectativas para o início da década seguinte previam que seriam criados mais de 338 milhões de empregos e movimentados 7,2 trilhões de dólares (LEMOS, 1999). Já por esses números nota-se que é inegável a contribuição da atividade turística para a geração de, no mínimo, novos empregos.

A indústria turística desenvolve-se com o sistema capitalista e é mais que uma indústria de serviços, é um fenômeno que repercute sobre a base cultural, por meio dos diálogos interculturais e das relações sociais que promove, determinando efeitos sociais e ecológicos. “O somatório que esta dinâmica sociocultural gera parte de um fenômeno repleto de subjetividades e objetividades, fenômeno este que pode vir a ser consumido, enquanto serviço, por milhões de pessoas” (UNESCO, 2002, p. 5).

A Unesco (2002), em seu relatório sobre o desenvolvimento do turismo em Tarrafal, município localizado em uma das ilhas de Cabo Verde, na África, apresenta um quadro sobre os impactos potenciais positivos e negativos. Os impactos potenciais positivos foram: maiores receitas, ofertas de emprego, melhora do nível de vida da população local, mais investimentos, reconhecimento da região, novas infra-estruturas, acessibilidade maior, maior empenho dos residentes na promoção dos eventos locais, reforço dos valores e tradições locais, orgulho quanto aos costumes locais, reconhecimento da riqueza da troca com o outro, reconhecimento internacional, desenvolvimento local integrado, conservação de algumas áreas e de estratégias de gestão sustentável. Os negativos foram inflação local, especulação imobiliária, concentração dos investimentos alternativos, custos de infra-estruturas necessárias, encarecimento do custo de vida, desenvolvimento descontrolado do comércio local, comercialização sazonal de atividades privadas, alteração dos costumes em função do turismo, custos sociais (prostituição, abuso de drogas e álcool), atitudes defensivas face a outras culturas e hostilidades por dificuldade de comunicação; mau planejamento e segregação sócio espacial, degradação ambiental, poluição, alteração de hábitos alimentares e produção excessiva e sazonal de resíduos sólidos.

É notório, portanto, que a indústria turística, tem adicionado custos sociais acima da possibilidade de sustentação por parte das comunidades que a sediam, como por exemplo o processo ocorrido em Ilhabela, no Estado de São Paulo. Nesta localidade as famílias de caiçaras locais “[...] na quase totalidade passaram por um processo de proletarização e assalariamento e a sazonalidade da atividade turística causou a piora da qualidade de vida, especialmente na alimentação. A urbanização criou necessidades que antes não existiam e não são satisfeitas com os salários” (CALVENTE, 2001, p. 86).

Não se trata, entretanto, de negar ou empenhar esforços para reverter o processo turístico já em plena atuação, global inclusive, mas de refletir e repensar acerca das formas de efetivação do turismo. Nessa linha de pensamento, Krippendorf (2000), aponta a necessidade de “[...] desenvolver formas de turismo que tragam a maior satisfação possível a todos os interessados, população local, turistas e empresas de turismo, mas que não estejam ligadas a inconveniências inaceitáveis sobretudo nos níveis ecológico e social” (p. 137). Neste ajuste, afirma, “[...] a primazia deve incidir sobre o ser humano” (p.141).

Para isto, é imprescindível que as comunidades locais preservem o poder sobre seus espaços (físico, social, cultural, econômico, político) e, portanto, a decisão sobre a utilização do mesmo. É necessária uma proposta que objetive viabilizar a atividade do turismo com vistas à mínima agressão ao ambiente, e à geração de recursos, e que garanta, às populações locais, a continuidade de sua cultura.

2.3 Identidade

A partir de estudos como os de Bauman (1998, 1999, 2001, 2005) e de Ciampa (1984, 2001), podemos considerar, de início, a identidade como o conjunto das características que dizem ao sujeito quem ele é e que o distingue dos demais.

Na história do Ocidente, as preocupações sobre a identidade humana coincidem com a configuração da Idade Moderna, período a partir do qual a vida social passou a ser organizada e conduzida em torno do trabalho industrial. Antes disso, a identidade,

[...] na sociedade agrária, como a medieval, em que as relações políticas cristalizadas em direitos e deveres, em obrigações e lealdades consuetudinárias suportavam o peso de toda a reprodução social era totalmente, ou quase, pré-definida pela cultura em função de eventos biográficos, como o nascimento, a filiação e a idade, independentes do próprio indivíduo (FIGUEIREDO, 1991, p. 20).

Segundo Bauman (2001), a partir da progressiva transição para a Modernidade, as pessoas deixaram, gradativamente, de viver em comunidades de vida e destino, que ele caracteriza como não problemática, e passaram a compor comunidades cuja união se dá pela junção de idéias ou pela variedade de princípios.

O enfraquecimento dos

[...] vínculos pessoais calcados na tradição erodiu a identidade social não problemática. [...] Paralelamente, o desaparecimento das formas de propriedades feudais e comunais, a apropriação privada dos meios de produção e a apropriação individual do próprio corpo

que liberto das obrigações e separado da terra convertia-se em força de trabalho asseguravam as bases econômicas da existência individual independente. Finalmente, a competição no mercado de bens e de trabalho projetava a individualização como ideal [...]. Desde então, ser alguém pressupõe tornar-se alguém (FIGUEIREDO, 1991, p. 20).

Mas o que somos e, especialmente, o que nos constitui como o que somos? Como vimos, ao longo da História, as respostas para indagações como estas não são permanentemente as mesmas. Além disso, de acordo com Ciampa (1984) e Bauman (2005), entre outros, mesmo se considerarmos apenas o momento histórico em que vivemos, aquelas indagações não podem ser respondidas, satisfatoriamente, de forma simples.

Segundo Ciampa, (2001) os processos atuais de constituição das identidades envolvem uma representação de si, uma elaboração mental pessoal sobre o que o indivíduo pensa que é, gostaria de ser e sobre como gostaria de ser visto. Esta elaboração, porém, não é fruto apenas dos desejos ou da imaginação de cada sujeito; ela é, ao mesmo tempo, participante e resultante de complexas articulações entre as identidades presumidas (aquelas que são atribuídas a cada um pelos diversos grupos sociais) as formas efetivas de ação do indivíduo e as relações sociais nas quais ele está envolvido cotidianamente.

Para entendermos a complexidade dessas articulações é preciso superar a dualidade característica do conhecimento lógico formal, com o qual estamos habituados. Com base naquela dualidade, nossas reflexões tendem a envolver raciocínios do tipo “ou isso, ou aquilo”, excluindo partes da totalidade dos fenômenos ou processos e, neste caso, do sujeito. Contra esta forma de pensar, precisamos articular as relações entre os vários processos que compõem o sujeito, não apenas compreendendo-o como o “isso e aquilo” que ele é mas sabendo, de antemão, que as múltiplas determinações que o constituem não se esgotam em um par de elementos como este.

A opção pela busca da compreensão deste fenômeno em sua complexidade remete-nos às leis ou princípios da dialética apresentadas por Engels (1979), que, sinteticamente são: a) a passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa); b) a interpenetração dos contrários; c) a negação da negação.

Os princípios ou leis da dialética não ocorrem em separado. Apenas um desses elementos não explica a dialética; sua somatória também não. A dialética não se constitui só pelos elementos, mas pela relação que se estabelece entre eles.

A identidade é uma totalidade constituída por múltiplas partes, como, por exemplo, os vários papéis sociais atribuídos ao sujeito desde, inclusive, antes de seu nascimento (o filho

que terei gostará disso, será daquela maneira e agirá assim). Estes papéis vão sendo assumidos pelo sujeito e se concretizam em comportamentos, em resposta ao que lhe é solicitado pela sociedade. Imerso nas relações com os demais sujeitos, o indivíduo não é portador de um único papel. A identidade constitui-se por uma diversidade de papéis, ou personagens em permanente constituição. Mas não apenas isto, ela envolve também outros elementos sociais, biológicos e psicológicos e as interações entre eles. É neste sentido que Ciampa (1984, p. 65) diz:

Não podemos isolar de um lado todo um conjunto de elementos biológicos, psicológicos, sociais, etc. que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado a representação desse indivíduo como uma duplicação mental ou simbólica, que expressaria a sua identidade [...] porque há como que uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada já pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado.

O primeiro princípio da dialética, a passagem da quantidade à qualidade, implica na compreensão de que tudo se transforma, e remete-nos ao vir a ser, à constante transformação, pelo confronto dos opostos. Este confronto caracteriza a luta interna que tem como concretização, no mundo, a reposição das coisas, não como somatória, mas como novos elementos engendrados a partir da integração entre elas. Tudo se transforma, e o mesmo ocorre com as identidades. Elas são repostas, a cada momento, aos processos de integração dos múltiplos papéis/personagens nos contextos sociais, pelas reavaliações de cada um sobre si, etc.

Apesar deste processo de transformação contínua, a identidade, muitas vezes, é vista como dada, como pronta. Frequentemente dizemos “fulano é isso!”, quando o correto, na perspectiva dialética seria dizer “fulano está sendo isto, nesse momento”.

Como a identidade é constituída por uma diversidade de elementos, aqueles que são contraditórios entre si, no processo de interação transformam-se e transformam, ao mesmo tempo, a totalidade à qual pertencem. “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, na infindável transformação” (Ciampa (1984, p. 74).

Nosso passo seguinte é compreender essa transformação, ou seja, entender como ocorrem as mudanças qualitativas. Transformação e reposição não significam que as mesmas coisas são repostas, na eterna repetição do já existente. Não se trata de um processo circular, mas de algo semelhante a uma espiral, já que estamos empregando metáforas.

Engels (1979), explica que a mudança qualitativa ocorre pelo acúmulo quantitativo de novos elementos que, em um dado momento, produzem qualitativamente o novo.

Minayo (2001, p. 22), diz que “o conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

Da mesma forma, a identidade envolve uma sucessão de pequenas transformações que, em escalas maiores de tempo, passam a ser percebidas. Imerso em suas relações cotidianas com outros sujeitos, o indivíduo vai repondo, reelaborando sua identidade pois nem ele, nem os outros e nem o mundo se repetem. O sujeito e seu mundo de agora são, sempre, as bases para novos sujeitos e novos mundos.

Essa transformação ocorre pela interpenetração dos contrários; os variados aspectos da realidade se entrelaçam e transformam, tornam-se interdependentes e interdeterminantes, de forma que não podem mais ser compreendidos isoladamente. Eles se opõem e ao mesmo tempo constituem uma unidade

Esse processo, em seu movimento permanente, depende da negação da negação: não ocorre uma atuação alternada de papéis, mas sim novas elaborações que, pela vivência reflexiva, dão existência a outras e novas elaborações (negação) que implicam na superação das anteriores (da negação) e assim sucessivamente. Cada nova elaboração apresentada implica, sempre, na negação da anterior.

A negação, porém, não é a eliminação. O que surge nunca rompe com toda a estrutura anterior; é a sua re-elaboração, e não algo totalmente diferente. Eis aí o eterno “vir a ser” do ser humano. A identidade, enquanto constituída por opostos interdependentes, supera a dualidade indivíduo/sociedade. Ela corresponde a uma totalidade que integra o indivíduo ao social e que, ao mesmo tempo em que é igual, é diferente. Tudo que é humano é histórico, portanto, social, ou seja, construído pelos homens em convivência. Por isto, Ciampa (2001, p. 156) lembra que “identidade é história”!

Ora, toda história é constituída por personagens. O personagem, para Ciampa (1984 e 2001) é a identidade concretizada, isto é, a identidade tornada ação. Implica, então, a existência de um ator que, pela ação de personificar, exerce um papel (o da personagem) em um dado contexto social e histórico. Para Jacques (1998, p. 162-163) o conceito de contexto histórico deve ser entendido como “[...] a resultante da ação humana enquanto externalização do seu psiquismo que volta a se interiorizar transformado, em um processo contínuo de articulação entre o individual e o social”.

É desse contexto histórico e social no qual vive o homem, explica Jacques (1998), que originam-se os papéis, os modos e as formas, as alternativas e possibilidades de constituição de sua identidade. Dialeticamente, o indivíduo participa ativamente na construção de seu contexto e é determinado pelo mesmo; a identidade, por sua vez, se configura como condicionada e, ao mesmo tempo, como condicionante, destes processos. Assim, “[...] o indivíduo se configura ao mesmo tempo como personagem e autor personagem de uma história que ele mesmo constrói e que, por sua vez, o vai constituindo como autor” (Jacques, 1998, p. 163). Ele se objetiva no personagem mas é subjetivo enquanto autor. Pela objetividade pode igualar-se ou assemelhar-se; pela subjetividade, diferencia-se.

Este processo é ativo; é pela ação, pela atividade, que a identidade é construída. A atividade, enquanto um modo de interação social, conforme Ciampa (2001), é a manifestação do ser, ou seja, somos o que fazemos. “É pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pescar, pescador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador [...] nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” (Ciampa, 1994, p. 64).

Ciampa (2001) fala não em um personagem, mas em múltiplos. Estes múltiplos personagens, na mesma identidade (indivíduo), alteram-se, coexistem, interpenetram-se e, coletivamente, relacionam-se com outros personagens do contexto social. Dessa maneira, garantem o permanente estado de processo de transformação, de saída de um estado para outro diferente, elaborado ininterruptamente. A identidade, portanto, se compõe na articulação entre os múltiplos personagens do indivíduo e os personagens do contexto social. Cada personagem, cada contexto, oferecem fragmentos para a identidade do sujeito.

Em relação aos contextos sociais, Bauman (2001) nos lembra que vivemos a transição entre dois períodos históricos distintos, os quais podem ser entendidos, segundo ele, como dois momentos da modernidade: o período da modernidade sólida (em alusão à aparente constância ou permanência de todos os setores da sociedade em função de processos lentos de transformações sócio-econômicas) e o período da modernidade líquida (em alusão à idéia de liquidez, em oposição à de solidez, que invadiu todos os setores da sociedade, tornando-os flexíveis e passageiros).

Estes dois períodos, o da Modernidade e Pós-Modernidade, vêm sendo designados, por outros sociólogos e com base em análises distintas, como o próprio termo Pós-Modernidade, popularizado por Lyotard (2004) e por Hall (2001), de Modernidade Tardia, por Giddens (1991), de Modernidade Reflexiva, por Beck (2003) e Hipermodernidade, Lipovetsky e Charles (2004). Embora sejam diferenciados, a utilização destes conceitos

apontam para o reconhecimento, ou legitimação, de que vivemos um período marcado por transformações que os diferencia entre si.

Como vimos, na transição da idade medieval para a modernidade o indivíduo foi libertado da identidade herdada. A partir de então, a identidade deixou de ser apenas uma atribuição social e passou a ser um processo de realização, algo a ser construído; um projeto de vida a ser realizado vagarosamente, em direção a um objetivo final: “[...] algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir” (Bauman, 2005, p. 21).

De acordo com Bauman (2001), nesse processo há um componente importante: a organização do trabalho e produção no sistema capitalista. Este sistema de produção de mercadorias tem por base as relações entre a propriedade privada do capital, de um lado, e o trabalho assalariado mas sem a posse da propriedade, de outro. Isto não significa que ele tenha se mantido sempre igual.

Na modernidade sólida, os indivíduos eram treinados, socializados, para serem produtores e para agir, tanto em suas atividades profissionais quanto em todas as demais esferas da vida social, como operários ao redor de uma linha de montagem: executando tarefas pré-estabelecidas e repetidas, em ritmo constante, ditado pela máquina.

As identidades constituídas e os processos de suas constituições seguiam as mesmas referências: havia períodos pré-estabelecidos (infância, adolescência, adultez), processos previstos em cada período (desenvolvimento, transição, estabilidade) e um conjunto mais ou menos restrito, conhecido e estável de papéis sociais disponíveis. A atividade profissional fornecia o elemento central da constituição das identidades e delimitava ainda mais os papéis que poderiam ser desempenhados: um lenhador era diferente de um funcionário burocrático de alto escalão e cada um deles deveria saber agir, em cada momento de suas vidas, como se esperava que agissem.

Já na modernidade líquida a vida se organiza em torno do consumo, portanto, em torno da sedução e do desejo, aspectos de curto prazo, uma vez que as mercadorias são, necessariamente, descartáveis. Os indivíduos, aqui, são orientados para serem consumidores. O princípio do consumo rápido, a característica de descartável, é que orienta as identidades na modernidade líquida e, nela, “somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade” (Bauman, 2001, p.98).

Uma identidade fixa deixa de ser almejada, pois “o mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de

roupas” (Bauman, 1998, p. 112). A nova ordem é o não apego, a nada e a ninguém, ou pagar o preço de viver sob o tédio. “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe” (p. 114).

A provisoriedade desse momento, segundo Hall (2001), ocorre em função da intensa globalização, isto é, do incessante desenvolvimento das tecnologias, em especial as de comunicação e transporte, que ligam cada vez mais o local ao global, tornando-os interdependentes. Essa interdependência global coloca em situação de colapso as identidades locais.

Na modernidade líquida as relações passam a ser eletronicamente mediadas, virtualmente criadas e por isso mesmo, são frágeis e instáveis, fáceis de serem trocadas ou abandonadas, o que é bem diferente da presença sólida de instituições como o Estado, a família e a igreja, na modernidade. Nas palavras de Bauman (2005, p. 32),

“...nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo” (grifos do autor).

Tanto em um quanto em outro destes períodos históricos, identidades eram processos de e em transformação. Há diferenças marcantes, porém, na velocidade, na intensidade, na diversidade destas transformações e nos modos como elas passaram a ser aceitas e desejadas.

Segundo Ciampa (2001), o processo de constituição da identidade implica, dialeticamente, tanto em transformação quanto em permanência: mudamos, frequentemente, mas não deixamos de ser nós mesmos. Assim, podemos arriscar a afirmação de que se na Modernidade os seres humanos, embora apenas estivessem, sentiam-se e agiam como se fossem. Já na Pós-Modernidade, embora ainda e também sejam, preocupam-se em estar.

A passagem de um período histórico para outro não implica na total eliminação do que era característico do anterior. Olhando à nossa volta atentamente, podemos perceber a coexistência de elementos típicos da modernidade clássica e do que Bauman (2001), denominou como modernidade líquida. Em alguns países e em boa parte dos grandes centros urbanos, a transição vem sendo mais acentuada e rápida. Em outras regiões, subsistem, ainda, resquícios de concepções e de práticas que são, inclusive, anteriores à modernidade. Em qualquer um destes casos, permanece válida a afirmação, feita por Lane (1995, p. 62), de que o homem se identifica através de suas formas de pensar, de agir e de sentir: “[...] somos as

atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam”.

3 PROCEDIMENTOS

Para a efetivação do presente estudo, no período de 2 a 14 de fevereiro de 2008, foram entrevistadas 26 pessoas: 22 são pescadores e 4 ex-pescadores, mas que não abandonaram a pesca, isto é, continuam pescando para consumo familiar nos horários vagos e que, portanto, se mantém ligados ao rio.

A escolha dos entrevistados ocorreu por indicação dos próprios entrevistados, ou seja, a partir da primeira entrevista, que ocorreu por aproximação da entrevistadora, a próxima ocorreu por indicação daquele entrevistado que, por sua vez, indicou outros. O total de indicações foi de 50 pescadores artesanais profissionais reconhecidos como tal pelos entrevistados. Foram entrevistados os 26 primeiros localizados, o que confere ao estudo uma amostra de 50% mais 1 das indicações obtidas.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Estas entrevistas tiveram como apoio uma lista de perguntas que foram feitas, aos entrevistados, à medida que o diálogo permitia, portanto, não havia uma exigência quanto à seqüência das mesmas. O objetivo desse procedimento foi de não interferir no curso dos pensamentos e do diálogo estabelecido, o que evitou a quebra de raciocínio por parte do entrevistado (ver roteiro no ANEXO).

4 RESULTADOS

A idade dos entrevistados variou entre 30 e 79 anos, com 9 entrevistados no intervalo de 30 a 39 anos, 11 no intervalo de 40 a 49 anos, 4 no intervalo de 50 a 59 anos, 1 no intervalo de 60 a 69 e 1 no intervalo de 70 a 79 anos. A maioria dos entrevistados, portanto, encontrava-se na faixa de idade economicamente ativa.

4.1 A pesca

Apenas um dos entrevistados declarou que a situação da pesca estava boa. Ele apenas pescava, vivia a semana no rio e os domingos na cidade. Convivia com a esposa e os 3 filhos, todos eram pescadores e possuíam carteira de pesca. Os filhos deles são a terceira geração de pescadores da família. Viviam, segundo o entrevistado, uma vida estável. Ele estava esperando a aposentadoria e se dizia satisfeito com a vida. O que possuía era fruto do esforço de seu pai, no passado, seu e de seus filhos, até aqueles dias, e não lhe passava pela cabeça a idéia de afastar-se do rio e da vida nele.

Para os demais pescadores a situação da pesca está ruim. Mesmo os quatro ex-pescadores (que são aposentados, se dizem ex-pescadores porque já não pagam pela carteira e não tem obrigação de pescar) concordam com esta avaliação. Destacamos que estes entrevistados não têm obrigação de pescar, não pagam pelo registro da carteira de pescadores junto à Colônia de Pescadores (associações formalmente constituídas, que desfrutam de prerrogativas outorgadas pelo governo e Constituição Federal, para representar os pescadores), mas na prática não abandonaram a pesca e nem o rio.

Na avaliação do conjunto destes pescadores, a situação piorou assim nos últimos 5 a 6 anos; “...daí para cá ficou impossível alimentar e vestir a família, pagar luz e remédios pois”, segundo dois deles e isto se deu por que “o peixe acabou” e “só pega [o peixe] para manter o prato”.

Ainda assim, 7 dos 26 entrevistados, até o período das entrevistas, estavam dedicando-se apenas à pesca e conseguindo viver. Quando a pesca é proibida (de novembro a fevereiro), vivem do seguro desemprego que o governo federal paga aos pescadores (R\$ 380,00 ao mês), para que custeiem suas despesas nesse período.

Outros 19 entrevistados disseram que exercem atividades temporárias, sem registro em carteira de trabalho, quando estas aparecem, principalmente no período em que a pesca é proibida. Destes entrevistados, 5 afirmam que é impossível para qualquer pescador do rio Paraná viver exclusivamente da pesca. Como exemplo desse posicionamento, um deles diz: “Eu acho que a pessoa para sobreviver da pesca... da pesca, não sobrevive, né. Uns anos atrás até daria para sobreviver, né... agora... hoje não tem condições de sobreviver mais não.”

Para dimensionarmos a redução dos ganhos destes entrevistados, um deles disse que 6 anos antes pescava “uns 16kg por dia né... aí faz as conta quanto dava por mês”, por outro lado “...e hoje... hoje...(...) num dia aí a senhora não pega 5kg de peixe”.

Os demais pescadores, exceto aquele que alegou que a situação estava boa, apresentam números próximos, como 4, 6 ou 7 kg de peixe por dia de trabalho.

Segundo os entrevistados, a quantidade de peixe diminuiu, o preço de venda dos mesmos não aumentou, mas os valores do aluguel, da luz, da água, do mercado e dos remédios aumentaram.

Como sugestão sobre o que poderia ser feito para reverter ou melhorar a pesca, os entrevistados, em unanimidade, disseram que é preciso “ter água no rio!”, que “se tem água tem peixe!”. Para a pergunta “o que precisa acontecer para ter água no rio?”, um deles respondeu que “tinha que as barragens regular a água direito”; outro foi mais adiante

“N: Eu acho o seguinte, que se a pesca daqui fecha, que tão falando que vai fechar, de virar um pesque e solte, né... se fizesse isso e desse serviço pros pescador é... pra eles fiscalizar, né. Se eles colocassem aí um prazo, vamos por aí... 5 anos sem pescar né... fechou a pesca, que vai fazer com os pescadores profissionais? Vamos dar um serviço pra eles... eles vão fiscalizar... se cada pescador fiscalizar, os turistas estavam pescando e soltando... e não era uma boa? Porque, porque daí eles estão fiscalizando uma coisa que é deles. Que daqui 5 anos a pesca vai abrir, os peixes vão estar grandes... vai ter peixe... de fartura, vai ter peixe pro pescador. Durante isso o pescador num ficou parado, ele ficou cuidando do peixes dele né. Porque... enquanto ele esta ali... o porco só engorda com os olhos do dono né... que se eles estão olhando... o turista... os pexim deles o turista vai levar não... (...)

Marido da dona N entra na conversa e diz: ... quem quiser pescar até pode só que pra comer aqui né, você pode pescar o quanto quiser mas pra comer aqui, pra levar não! Levar, de jeito nenhum!

Outro deles afirma, também, que

“...tinha que essas barragem se conversam... entrar num acordo prá regular essa água, tinha que ter um acordo pra ter água no rio pra água correr, aí num faz alga, né... se tem água no rio tem peixe, né.. mas eles faz como se o rio fosse só deles, né.”

O que poderia mudar a situação, acreditam eles, seria proibir a pesca por alguns anos, com os pescadores fiscalizando para que ninguém tirasse os peixes do rio. De acordo com a proposta deles, poderia ser liberada apenas a pesca esportiva, desde que os peixes fossem devolvidos ao rio. Além dessa medida, seria essencial a elaboração de um planejamento e a

integração das ações das usinas hidrelétricas existentes na região, para que haja, especialmente na época da piracema, a quantidade adequada de água nos rios, pois a atuação delas tem interferido nos ciclos de cheias e vazantes do rio, impedindo, portanto, a reprodução dos peixes.

Nos estudos de Tomanik (1997) e Paiola(2002), os entrevistados não souberam apontar ações que pudessem contribuir para a melhoria da pesca, já entre estes entrevistados surgem, não por passe de mágica, mas como expressão do que eles tem elaborado acerca das transformações ambientais e alterações introduzidas na região em consonância com suas condições de existência, propostas relacionadas a variáveis que atuam em seu ambiente: as barragens.

Tanto os entrevistados dos estudos anteriores, que disseram que outras pessoas, externas à comunidade, teriam que intervir por elas, quanto os desse estudo, indicam que as soluções para os seus problemas ligados à pesca não estão ao seu alcance mas nas mãos de pessoas ou entidades externas ao seu meio. Uma observação mais acurada, de fato, confirmará que não está ao alcance deles, de seu poder político, interferir nas leis econômicas da ocupação, da construção das barragens e mesmo da regulação da pesca. Parecem sugerir que as soluções devem vir das mãos de quem provocou tais transformações.

4.2 Os turistas e o turismo

Entre os entrevistados, 19 exercem outras atividades de trabalho paralelas à atividade da pesca. As atividades que os entrevistados exercem são as de servente de pedreiro, jardineiro, salva-vidas, caseiro, guia, condutor de barco, piscineiro, guarda noturno e faxineira. Estas atividades são executadas para os visitantes da cidade, os turistas.

Para os entrevistados que exercem outras atividades de trabalho, além da pesca, o turismo é bom para a cidade e os ajuda a enfrentar as dificuldades econômicas. Problema é quando o patrão, que a princípio era bom, passa a cobrar do funcionário coisas que não fazem parte do acordo de trabalho, como por exemplo, segundo um deles, “no começo foi bom, depois já foi pegando pesado, né...foi aumentando o serviço... vinham 20, 30 pessoas” e tinha que cozinhar para eles, limpar a casa e, sendo caseiro, não recebia salário, apenas a casa para morar.

Aqueles que não exercem atividades paralelas à pesca apresentam avaliações negativas em relação ao turismo e aos turistas, com afirmações como: “as lanchas deles espantam os peixes porque peixe não gosta de barulho”, ou “a gente tem o rio para pescar, o resto o Ibama proíbe, e eles espantam os peixes com as lanchas deles”. Um entrevistado disse que não tem

paciência com o turista porque “ele quer mandar na gente”, e para completar a imagem negativa, três entrevistados afirmaram “eles [os turistas] cortam as cordas [de anzol] dos pescadores”, causando prejuízo inclusive em relação aos instrumentos de trabalho dos entrevistados.

Os 19 entrevistados que exercem atividades paralelas à pesca, também indicaram pontos negativos em relação aos turistas: “eles não respeitam a gente”, “dirigem perigosamente na cidade e a gente nem pode deixar uma criança na rua quando eles estão aí”, “sujam a cidade e as ilhas... é uma copaiada [muitos copos] de plástico jogados para todo lado”. Esta mesma entrevistada, cujo marido é também pescador e barqueiro, que conduz turistas para as praias na temporada, diz que tem turista que recolhe o lixo, “...tem gente que recolhe, põe na sacolinha e pergunta ‘pode por no barco para levar pro lixo?’, ele responde ‘pode, e deve!’... agora tem outros turistas que não recolhe. Ai ele [o marido da entrevistada] deixa o povo dentro do barco e vai lá, com a sacolinha, na cara do povo, e recolhe...(risos)... o povo fica com vergonha, às vezes”.

Dois deles disseram que os turistas que possuem casas na cidade “só ajudaram para os preços do comércio subir, mais nada”. As casas ficaram caras, os aluguéis caros e eles, turistas, não contribuem para o comércio local, pois trazem as compras de suas cidades. Os turistas que ajudam o comércio são aqueles que usam as pousadas, os restaurantes e alugam barcos e pilotos. Estes são os que não possuem casas na cidade ou arredores.

Os turistas, então, com suas atuações na localidade e nas relações que estabelecem com os entrevistados, tem contribuído para a elaboração de imagens negativas acerca deles próprios e da atividade de turismo.

Avaliações positivas sobre os turistas também foram apresentadas, uma vez que eles oferecem trabalho e uma “ajudinha” tanto para a população quanto para os entrevistados. Quatro deles afirmaram que “se não fosse os turistas Porto Rico tinha sumido”, e “sem esses trabalhinhos que eles dão, a gente ia passar fome, ah ia!”.

Nenhum dos entrevistados, no entanto, afirmou que as atividades que desenvolvem com os turistas mudaram suas vidas. Aos ganhos com estas atividades chamam de “ajudinha”, ou seja, uma complementação para aquilo que a pesca proporciona.

Dos entrevistados que exercem a pesca e as atividades complementares, 4 disseram que abandonariam a pesca caso obtivessem um trabalho que suprisse suas necessidades materiais e as de suas famílias. Isto porque “para o pescador não tem mais esperança”; “a pesca acabou”.

Os demais, que exercem atividades complementares, quando perguntado se estavam satisfeitos com as atividades que vinham exercendo, disseram que gostariam de fazer algo que os mantivesse ligados ao rio e que não os obrigasse a abandonar de todo a pesca. Alguns disseram que gostariam de ser caseiros nas ilhas e poder morar lá com a família; outros gostariam de poder comparar um batelão e trabalhar levando turista para ver “esse paranazão”; outros, ainda, gostariam de trabalhar com iscas e como acompanhantes de pesca. Duas mulheres disseram que gostariam de ter um estabelecimento de comércio voltado para os turistas. Porém, uma delas disse, que nem mesmo tendo o seu comércio deixaria de vez a pesca, uma vez que esta faz parte do seu passado, do seu presente e fará do futuro.

Podemos compreender, portanto, que embora as atividades desempenhadas pelos entrevistados, ligadas ao turismo e turistas, contribuam com seus ganhos, elas ocorrem não por escolha deles, mas para atender as necessidades frente às dificuldades materiais de existência, que a pesca não está em condições de garantir.

4.3 O futuro

Diante da pergunta sobre como eles consideravam ou acreditavam que será o futuro deles, invariavelmente o silêncio foi a primeira resposta. Em alguns casos, foi necessário o silêncio da entrevistadora frente ao tom depressivo de respostas como: “se tiver peixe vai ser bom, mas se não tiver como vai ser?”, e “só dá para pensar no futuro se tiver peixe, sem peixe não dá para pensar em futuro!”

Foram 4 os entrevistados que apresentaram respostas sobre seu futuro considerando-o ligado ao futuro da pesca. Segundo um deles “a pescar vai piorar, né, os turistas não vão parar de vir!”, deixando claro que um bom futuro significa boas condições de pesca.

Para outros 6, o futuro vai ser como está sendo no presente, vão continuar com a pesca, esperar aposentadoria, não vão sair de Porto Rico, e nem querem. Um deles conta, inclusive, como faz para cuidar do rio e dos peixes, segundo ele “... quando o rio enche, né, vai tudo enchendo aquelas bacias [as lagoas], depois vai encolhendo e vai indo, vai indo, vai indo, vai ficando pequeninha, até ficar em nada. Você chega na lagoa e ela está dessa fundurinha assim [mostra com as mãos um espaço de aproximadamente 15 a 20cm] e os peixes estão assim [mostra com a boca como o peixe faz para tentar respirar]. Aquilo você chega com a peneira, vai pondo em uns galões, vai catando e pondo no rio... a maior parte dos pescadores faz isso, né, ta certo né, estamos fazendo bem para eles e para nós, né. Como é que vai sobreviver? Cuidando!!!”

Por outro lado, para 11 entrevistados o futuro vai ser bom pois o turismo está desenvolvendo a cidade, vai aumentar o número de turistas, e não vai faltar trabalho no rio “por causa dessa beleza né!”, explicando que é a beleza do rio que atrai os turistas. Um dos entrevistados manifestou, inclusive, a vontade de estudar “alguma língua para poder conversar com os turistas estrangeiros”.

O importante para todos eles, com expectativas ruins ou boas acerca do seu futuro ou do futuro da pesca, é não ter que se afastar do rio. Mesmo aqueles que estão envolvidos em atividades ligadas a turistas e ao turismo na localidade, o fazem por exigências econômicas, já que as atividades que desenvolvem é apenas para complementar os poucos ganhos com a pesca e o que importa é continuar próximo ao rio.

Há divergências no grupo, pois há os que preferem que tenha peixe no rio e não ter que trabalhar para turistas. Para estes entrevistados, para melhorar a vida só falta uma coisa “... ter peixe no rio”. Há, também, os que aceitam trabalhar para os turistas, principalmente por que “... eles não vêm todo dia daí você pode sair... pegar um peixinho... na pesca, né... a pesca tem todo dia...(risos).”

Os ganhos advindos das atividades turísticas que desempenham não superam os da pesca, apenas complementam. Mesmo no caso das duas entrevistadas que manifestaram desejo de ter um comércio para atender turistas o que, talvez, rendesse algo próximo ou um pouco mais que os ganhos da pesca, disseram que não querem se afastar do rio e uma delas, inclusive, diz que não largaria nem a pesca, pois “... é bom, né, pescar lá no silêncio do rio” e mesmo trabalhando com o turismo não é preciso largar a pesca, afinal, “...essa vida no rio é difícil parar, né, o rio ganha a gente!”, sugerindo que o rio se apropriou dele e não o contrário. Este entrevistado encerra sua fala dizendo: “bom mesmo é ser pescador”.

4.4 O estilo de vida e apego à natureza

O trabalho com turistas e turismo, segundo eles, é por necessidade conforme um deles explica

“ Ah... por que a gente precisa, né... a gente gosta de viver do rio, né... isso é o amor que a gente tem pelo rio...[...]... importante é ir para o rio!” , e ele se explica ainda mais dizendo “É como falei da outra vez que a gente conversou... eu e o rio somos meu patrão, é com ele que eu converso para saber se vou trabalhar... então é assim, ninguém mais manda em mim”. No mesmo sentido outro deles diz “eu quero é trabalhar no rio mesmo, eu sou é do rio, né!”

A vida próxima ao rio é algo que ocorre desde tenra idade, como conta um deles “ih... desde que nasci, eu nasci pescando nesse rio... nadando nele, tomando banho nele, caia da cama com os olhos no rio e o pé na barranca..(risos).. andava isso aqui tudo de barco, no braço, né, com meu pai.”, outro deles diz ainda “ah.. lá na ilha do meu pai, nós sabíamos como eram as coisas, o rio, o mato, até o jeito dos bichos [...] É, até a chuva tinha tempo certo, né. O rio também.”

Inclusive a justiça, segundo eles, parece ser a mesma para os seres humanos e os peixes, como podemos notar pela fala de um deles ao comentar sobre a pesca de arpão, que recentemente passou a ser praticada na região

“... eita... mas os cabra, eles se viram. Agora nós estamos contra, todo mundo da colônia esta contra isso aí... olha, com essa água limpa, 17m de distância eles enxergam a turma de peixe dormindo... é eles mesmo que contaram, com 17m de distância eles enxergam e vão escolhendo os grandes [...] eles vão no fôlego, eu já falei com o menino que esta fazendo isso... rapaz, faz isso não! [...] se desse enchente no rio aí turvava a água e o cara não enxergava, mas essa água limpa do jeito que esta aí ...17m já conhece quem é que ta lá deitado... eles vão lá e mata tudo.... já pensou você estar na sua cama dormindo e vem um cabra e te mata dormindo?!... não é justo!.”

Os pescadores se vêem, frequentemente, como partes indiferenciadas da natureza e esta como dotada de qualidades semelhantes às humanas, como se pode perceber no diálogo seguinte: Pescador: “no rio não tem mais nada, no rio eu sei de tudo né... acho que ele também sabe de mim... (risos). Entrevistador: “É? O que ele sabe de você?”. Pescador: “Que eu preciso dele, mas ele não tem culpa de não me ajudar... As barragens, né... As barragens estragaram a vida dele e a minha, né... (silêncio)”.

Para compreender a relação de afinidade com o rio, um deles nos oferece a seguinte imagem “Olha... sabe o que é?...Pescar ... O rio é tão bom, de um jeito que você fica velho e não vê! É divertido, é uma vida que você nunca dá no fim da diversão... Sofrido, mas é coisa boa![...]Não, ninguém vê passar”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos estudos de Tomanik (1997) e de Paiola (2002), a história do processo de ocupação da região de Porto Rico-Pr não difere do ocorrido no restante do país e que, em Porto Rico, repercutiu na vida dos pescadores artesanais profissionais, com uma seqüência de expulsões.

No passado, entre 1960 e 1970, por ocasião da formação de latifúndios com extensas monoculturas destinadas a exportação e conseqüente mecanização, de acordo com Tomanik (1997), o grupo de pescadores artesanais da localidade de Porto Rico-Pr, tiveram as ilhas do rio Paraná como refúgio. Já no início da década 80, as volumosas cheias obrigaram a saída deles para o continente e, após as cheias, voltar para as ilhas, para a quase totalidade deles, não foi possível pois, as ilhas foram rapidamente ocupadas por fazendeiros da região.

Aqueles que conseguiram voltar para as ilhas Paiola (2002), explica que, em função da regulamentação das áreas de preservação (Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná, Parque Nacional de Ilha Grande e Parque Estadual das Várzeas do rio Ivinheima), também tiveram que voltar para o continente.

Como parte do processo econômico, político e social, de ocupação e antropização do ambiente, conforme Paiola (2002), foram construídas as barragens correspondentes à Usina Hidrelétrica de Itaipu, à jusante da região, situada no rio Paraná na divisa Brasil-Paraguai; e às Usinas de Porto Primavera, situada no rio Paraná na divisa dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, e de Rosana, situada no rio Paranapanema na divisa dos estados de São Paulo e Paraná, as duas à montante da região. As intervenções mais diretas decorrentes da presença das hidrelétricas são as referentes à dinâmica do rio, mais precisamente no ciclo das cheias e vazantes, e lençol freático que, por sua vez, oportunizou alterações nas dinâmicas de todos os organismos presentes na Planície Alagável do rio Paraná, em destaque as dos peixes e dos pescadores artesanais.

De volta para a localidade de Porto Rico e enfrentando as alterações ambientais, com suas decorrentes baixas na abundância e diversidade de peixes na bacia do rio Paraná, os pescadores artesanais profissionais enfrentam exíguas condições econômicas de sobrevivência. Somadas a isso as atividades turísticas, com a decorrente alta no custo de vida, seja nos gêneros alimentícios, seja nos custos de moradia, e temos um quadro, evidente, de exclusão.

As transformações econômicas ocorridas no município de Porto Rico e mesmo na região, os expulsaram do continente para as ilhas, depois das ilhas para o continente, para o núcleo urbano do município. O turismo, com seu processo de encarecimento dos aluguéis, das

mercadorias, com a apropriação dos espaços públicos do município, acaba por expulsá-los da cidade. Resta-lhes o rio.

O apego ao rio, ao estilo de vida ligado à natureza e o desejo de manter tais características são traços inegáveis nos sujeitos entrevistados

A atividade da pesca já não cumpre a função econômica, mas mantém o papel central que ocupa em suas vidas, o papel que os identifica.

A partir das falas deles reconhecemos que são pescadores e mais que isso, que são apegados ao estilo de vida tradicional, na perspectiva apontada por Diegues (1986) uma vez que o apego à natureza, ao rio, e o esforço para manterem-se próximos a esse ambiente, sobrepõem-se às formas de suprir as necessidades materiais de sobrevivência do modelo social e econômico dominante de nossa sociedade.

Há uma aproximação deles com as atividades econômicas do modelo dominante, para complementar os ganhos e suprir as necessidades materiais do grupo familiar. Esta aproximação não é nova, uma vez que, mesmo como pescadores, eles já produziam para o mercado. Porém, nesta situação, ainda preservavam sua autonomia, faziam uso e podiam desenvolver conhecimentos coerentes com sua cultura e com o modo de vida a partir do qual se reconhecem.

Hoje, embora procurem engajar-se em novas formas de trabalho, ainda o fazem de forma parcial e esta aproximação não ultrapassa a margem necessária para que ocorra uma mudança qualitativa na imagem que elaboram de si.

Nota-se, então, que não são populações tradicionais na versão “intocada” ou “pura”, como já alertou Diegues (1986). O que temos é uma vivência de atividades em paralelo que constituem sujeitos multideterminados. Trata-se de uma totalidade constituída por múltiplos papéis sociais (como pescador, auxiliar de pedreiro, barqueiro, salva vidas, caseiro, faxineira, etc.).

A identidade não se constitui em um conjunto de imagens estáticas, mas em permanente movimento, em processo constante de interação que, neste processo, constituem imagens refeitas, reorganizadas e repostas que, pela força dialética, se mantêm em movimento e darão existência a outras imagens, sucessivamente. O motor desse movimento são as relações que os sujeitos estabelecem entre si e com seu mundo ao exercerem suas atividades. Portanto, os papéis exercidos pelos entrevistados estão em constante integração e processo de transformação. Entretanto, o apego aos seus valores tradicionais têm atuado como um forte elemento na composição dos processos de elaboração de imagens, inclusive as próprias.

Ao assumir atividades paralelas e diferenciadas, eles poderiam distanciar-se daquela inicial e constituída de valores tradicionais. Em certa medida isto vem ocorrendo, já que, por exemplo, atuar como auxiliar de pedreiro afasta-os daquilo que eles consideram ser. Tentando repor suas identidades presumidas, os entrevistados gravitam em torno de atividades que assumem apenas para poderem manter, também, a proximidade com o rio, a natureza e o modelo de vida ligado a eles.

Considerando a vida passada do grupo familiar dos entrevistados, compreendemos que o apego ao estilo de vida antecede, em alguns casos, a atividade da pesca. Esta atividade, parece, é aquela que, diante dos processos de transformações e ocupações do ambiente, representa a última oportunidade de manterem aquele estilo de vida. O desejo de mantê-lo, manifesto nas falas que alegam vontade de voltar a morar nas ilhas, é a demonstração clara de que estão dispostos a se submeter às privações e sacrifícios, para retornar ao seu passado, a recuperar os seus valores e ao estilo de vida próxima à natureza e ao rio.

As suas identificações, seus apegos são ainda aqueles ligados à vida sólida, na concepção de Baumann (2005), ao tempo lento e confiável em que sabiam o que esperar da vida, pois ela dependia dos ciclos da natureza. Entretanto, o contexto social, político e econômico ao qual estão sujeitos, já não se move em concordância com esses princípios. A velocidade é outra, mais ágil, nos termos que Bauman explica a modernidade líquida. Então, se o espaço que habitam hoje, a cidade, ainda que seja uma pequena cidade, não é o lugar deles, apegam-se ao rio e às ilhas.

Como ribeirinhos, construíram e mantiveram suas vidas, e suas identidades, no espaço marginal em ao menos dois sentidos: por manterem-se na margem do rio, mas também por manterem-se parcialmente afastados, ou melhor, defasados, do desenvolvimento ocorrido, especialmente nos grandes centros. Como pescadores, transitavam com desembaraço tanto em um meio predominantemente líquido (os rios e lagoas), quanto na solidez das margens, com sua vegetação, seus animais e com a interferência e as contribuições destes elementos para a vida no rio. Tirando seu sustento de um meio líquido, conseguiam manter relações e identidades que lhes pareciam (ainda que não fossem, permanentemente) estáveis e sólidas.

Expulsos do rio e aprisionados no continente e nas atividades mais urbanas, são obrigados a lutar para que suas identidades e suas formas de vida não se diluam no meio social, que vem sendo chamado (neste caso como uma cruel ironia), de líquido.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, A.A.; ZALEWSKI, M. **A planície alagável do alto rio Paraná: importância e preservação.** Maringá:EDUEM. 1996.
- BANDUCCI Jr., Álvaro; BARRETO, M. (orgs.) **Turismo e identidade local: uma visão antropológica.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** R.J.: Jorge Zahar Ed. , 1998.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas.** R.J.: Jorge Zahar ED., 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vacchi.** R.J.: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** R.J.:Jorge Zahar Ed., 2001.
- BECK, U. **Liberdade ou Capitalismo.** São Paulo: editora UNESP, 2003.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em www.ibge.gov.br. Acessado em 09/11/2008.
- CALVENTE, M.D.C.M.H.. O impacto do turismo sobre a comunidade de Ilhabela (SP). Em M.I.G. de LEMOS (org.), **Turismo: impactos socioambientais** (pp. 85-92), São Paulo: Hucitec, 1999.
- CIAMPA, A.C. Identidade. Em LANE, S. T. M. **Psicologia social: o homem em movimento** (pp 58-75) São Paulo:Brasiliense, 1984.
- CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a História da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DIEGUES, A. C., **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- ENGELS, F. **A dialética da Natureza.** R.J.: Paz e Terra, 1979.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico.** Petrópolis: Vozes, 1991
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, S. , **Identidade cultural na pós-modernidade.** R.J.:DPeA, 2001.
- JACQUES, M. da G. Identidade. Em: STREY, M.N. **Psicologia social contemporânea: livro texto** (pp 159-167). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** São Paulo: Aleph, 2000.

LANE, S. T. M. . A Mediação Emocional Na Constituição do Psiquismo Humano. In: S. T. M. LANE; B. B. SAWAIA. (Org.). **Novas veredas em Psicologia Social** (PP. 55-62 São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, J-F, **A Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2004.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIOLA, L. M. **Ambiente e Representações Sociais: trajetórias e expectativas de vida dos filhos de pescadores e pescadores jovens do núcleo urbano de Porto Rico - Pr**. Acta Scientiarum. Maringá, v. 24, n. 1, p. 175-180, 2002. disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2434/1704>. Acessado em 12/01/2009

PAIVA, M. G. M. V.. **Sociologia do Turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

SPONCHIADO, D.; EIDT, N. M. TOMANIK, E. **As Representações sociais sobre o trabalho elaboradas pela população economicamente ativa de uma comunidade ribeirinha do rio Paraná**. Acta Scientiarum. Maringá, v. 24, n. 1, p. 181-188, 2002. disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/search/titles?searchPage=5>. Acessado em: 30 de set. de 2008.

TOMANIK, E. A. ; GODOY, A. M. G. . Demographic Studies in the Upper Paraná River Floodplain. In: Angelo Antonio Agostinho; Liliana Rodrigues; Luiz Carlos Gomes; Sidinei Magela Thomaz; Leandro E. Miranda. (Org.). **Structure and functioning of the Paraná River and its floodplain** (no prelo). (pp 253-258) Maringá: EDUEM, 2004.

TOMANIK, E. A., Elementos sobre as representações sociais dos pescadores "profissionais" de Porto Rico. Em A. E. A. de M VAZZOLER; A. A. AGOSTINHO, e N. S. A. HAHN. **A Planície de Inundação do Alto Rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos**.(pp 415-434) Maringá: EDUEM/NUPÉLIA, 1997.

TUNDISI, J. G. Apresentação. Em A. E. A. de M VAZZOLER; A. A. AGOSTINHO, e N. S. A. HAHN. **A Planície de Inundação do Alto Rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos**.(pp 415-434) Maringá: EDUEM/NUPÉLIA, 1997.

UNESCO. **Desenvolvimento local e turismo em Tarrafal (Cabo Verde)**. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França, 2002. Disponível em www.unesco.org/most/tarrafal.pdf Em 18/02/2006

ANEXO

ROTEIRO PARA NORTEAR AS ENTREVISTAS

Investigar junto aos entrevistados:

Como era antes do turismo:

- A pesca;
- Trabalho (subsistência);
- Relação com turismo/turistas;
- Relação com rio/natureza/ambiente;
- Perspectivas de futuro

Como é/está com o turismo:

- A pesca;
- Trabalho (subsistência);
- Relação com turismo/turistas;
- Relação com rio/natureza/ambiente;
- Perspectivas de futuro